BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA®

Série Diplomacia ao alcance de todos



4

GILBERTO AMADO

Coleção Divulgação – INCENTIVO A LEITURA - Distribuição gratuita

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br

© Thesaurus Editora – 2008

o organizador

José Santiago Naud, escritor gaúcho, formado em Letras Clássicas pela UFRGS, em Porto Alegre (1959). Concursado pelo MEC e pioneiro de Brasília (1960), em 1962 integrou o grupo docente fundador da UnB. Professor visitante ou conferencista em universidades dos EUA, da Europa e da América Latina. Diretor do CEB (Itamaraty), entre 1973 e 1985. Poeta e ensaísta, tem 16 livros publicados e textos dispersos em antologias, jornais e em revistas especializadas.

Revisor: Jacinto Guerra
Cooperação: Luisivan Vellar Strelow

Arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília,
SIG Quadra 08 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Editores: Jeronimo Moscardo e Victor Alegria

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. **THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.** SIG Quadra 8, lote 2356 – CEP 70610-480 - Brasília, DF. Fone: (61) 3344-3738 – Fax: (61) 3344-2353 *End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br *Página na Internet: www.thesaurus.com.br – Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Nota Biográfica

GILBERTO AMADO – Jornalista. jurista, político, diplomata e escritor. Nasceu na cidade sergipana de Estância, em 7 de maio de 1887, e morreu no Rio de Janeiro em 27 de agosto de 1969. Poeta, romancista, ensaísta, memorialista, professor, jornalista, político, formou-se em Direito, no Recife, aos 22 anos.

Na função pública, a ação de Gilberto Amado foi primacial. Reflete sua literatura, sempre tocada por humanidade visceral. Já nos tempos de ingresso ao estudo superior, em 1905, buscava difundir a filosofia nietzschiana. Quatro anos mais tarde os colegas confiam-lhe representação num congresso paulista. Formado, é nomeado promotor, mas preferiu o jornalismo. Transferindo-se ao Rio em 1910, publicou artigos no *Jornal do Comércio,* tornando-se conhecido nos círculos literários da capital federal. Outros periódicos lhe estampam artigos. De volta ao Recife, assume a cadeira de Direito Penal na Faculdade.

Político, foi eleito deputado federal por Sergipe em 1914, 1921 e 1924, e senador em 1926. Presidente da Comissão de Diplomacia e Tratados, foram influentes seus pareceres sobra a participação brasileira na Liga das Nações e sobre o Pan-Americanismo. Sua atuação parlamentar contribuiu positivamente para a diplomacia brasileira, tendo participado de importantes reuniões interparlamentares, em Roma, Londres, Paris e Berlim.

Em 1934 veio a integrar o Ministério das Relações Exteriores, nomeado Consultor Jurídico. Logo no ano seguinte

comparece à Conferência para a Manutenção da Paz, em Buenos Aires, e ocupa postos de embaixador ou ministro plenipotenciário até o advento do Estado Novo, quando foi nomeado diretor-geral da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores e, a seguir, Embaixador Santiago (1936-37) e em Helsinque (1938-39), Roma (1939-42) e Berna (1942-43). No pós-guerra desempenhou relevantes missões, representando o Brasil na Sexta Comissão da Assembléia Geral e como membro eleito da Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas (1948-1969). Nas duas Comissões sua influência e prestígio foram muito grandes. Chefiou a Delegação brasileira à II Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar em 1960.

Na Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira nº 26, para a qual fora eleito em 1963. Da Universidade Federal do Rio de Janeiro recebeu o título de Professor **honoris causa** em 1968. A Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas, prestou-lhe homenagem póstuma ao dar o nome de Gilberto Amado ao ciclo de palestras anuais sobre direito internacional promovido pela Comissão.

Gilberto Amado faleceu no dia 27 de março de 1969.

Membro da Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas

Gilberto Amado participou da criação da Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas como membro do Comitê que redigiu seu estatuto em 1947. Eleito na primeira

composição da Comissão, em 1948, foi sucessivamente reeleito até o final de sua vida. Foi também o primeiro relator da Comissão cuja missão precípua era a atualização do direito internacional e sua codificação. Defendeu, nos trabalhos de sistematização do direito internacional, o equilíbrio entre a codificação e a inovação, sendo papel da Comissão "declarar qual era a lei existente em determinados assuntos e recomendar a direção na qual poderia ser melhorada e desenvolvida." Para Gilberto Amado, o trabalho da Comissão não era o de referendar as regras seguidas pelos Estados em suas práticas do passado, mas a de codificar o direito internacional do futuro. Esse princípio foi aplicado, por exemplo, nos estudos preparatórios para a I Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (1958), em que se opôs a uma delimitação, no direito internacional, dos limites do mar territorial. O direito do mar, segundo o internacionalista brasileiro, deveria contemplar duas dimensões, a horizontal, em que se distingue mar territorial de alto mar e em que se discutem temas como navegação, livre passagem, etc.; e a dimensão vertical, que abre o debate para temas do futuro, como espaço aéreo, plataforma continental, fundos marinhos, etc. a codificação do direito internacional não deveria ser feita, portanto, com o passado, mas com o futuro, em mente. O interesse imediato dos Estados, que impunha limitações à codificação, não deveria, contudo, impedir a evolução futura do direito internacional. Por outro lado, o papel da Comissão, para ele, não reproduzir no foro político das Nações Unidas o debate acadêmico, nem produzir um direito internacional ideal, mas contribuir

para que o interesse dos Estados fosse regulado pelo direito internacional aceito pelos Estados.

Obra

Da vasta obra de Gilberto Amado, destacam-se a poesia de *A Suave Ascensão* (1917); as memórias de *Minha Formação no Recife* (1955) ou *Histórias de Minha Infância* (1954), ou *Depois da* política (1960); o romance *Inocentes e Culpados* (1941); os ensaios de *A Dança sobre o Abismo* (1932); *Espírito do Nosso Tempo* (1933); *Assis Chateaubriand* (1953); o direito político de *Eleição e Representação* (1932). Livros de gêneros diferentes, como o romance *Inocentes e Culpados,* as memórias de *Mocidade no Rio,* o ensaio *O Espírito do Nosso Tempo,* em anos diferentes como 1941, 1956 ou 1933, confirmam ao correr do tempo a perpetuidade do Gilberto. E a *Seleta* de 1974, com estudos e notas de Homero Sena, é mostra válida, ainda que reduzida, da imensa dimensão de um grande escritor.

Antologia

Proêmio

Destes-me uma grande alegria, diplomados do Instituto Rio Branco, escolhendo-me para vosso paraninfo. Sinto-me bem em vos declarar isto assim, chãmente, na singeleza de

uma frase curta. O coração fala pouco quando tem muito o que dizer, quando quer exprimir-se de fato. Uma interjeição, uma palavra, um simples "muito obrigado" pode conter mais sentimento de que mil frases e perífrases. Não envolverei pois em circunlóquios as pancadas sinceras que batem no meu peito agradecido.

Qualificarei, contudo ainda, esta alegria registrando-lhe o caráter inesperado, a nota de surpresa, o imprevisto sabor alvissareiro. A inesperabilidade sobredoura-lhe a significação. Não figurava, com efeito, é claríssimo, no quadro das minhas expectativas, já não digo aspirações, a hipótese sequer de um chamado como o vosso, irrompendo assim, fora da pauta regular das probabilidades, numa especificação singularíssima do vosso poder de amar e distinguir, e procurando-me nos caminhos apartados por onde sigo, na solidão em que trabalho, para vos assistir nesta cerimônia com os meus votos e bênçãos de padrinho, na hora solene da vossa iniciação nesta grande casa patriarcal onde o Brasil cresceu.

Ainda uma palavra preambular, futuros embaixadores do Brasil, a respeito de um dom que me é grato assinalar como o de grande valia em diplomatas, o ecletismo das simpatias, a extensão em que circulais e projetais a vossa vista, para além dos pontos notórios e dos marcos conhecidos. Honrais decerto como eu, e como todos os brasileiros devem honrar, o diplomata profissional a cuja guarda cotidiana são oficialmente confiados o nome da Nação, o seu renome no estrangeiro, o seu futuro político e o seu destino internacional, vossos chefes de missão, vossos maiores na carreira, funcionários de méritos

diversos a cuja obra respeitável, às vezes obscurecida e não raro mal recompensada, o Brasil tanto deve. A tantos alvos visíveis poderíeis erguer os olhos! Mas os relanceastes em torno e por sobre os muros. A minha figura remota e sozinha acha graça neles.

E aqui por essa graça estou contente convosco e gratíssimo.

(Esse "proêmio", bem como os "sete textos pontuais" adiante transcritos, constam do "Discurso de Paraninfo", que Gilberto Amado dedicou aos Diplomatas do Instituto Rio Branco. Publ. em *Três Livros:* Livr. José Olympo Ed. Rio de Janeiro, *1963*)

Sete textos pontuais de Gilberto Amado

1

Conselhos não dou. Velho de juízo ao meu ver é aquele que, em vez de dar, recebe conselho dos jovens. Pois a esses é que cabe a ventura de crer na ação e nas possibilidades do esforço. Eles é que recebem, na sensibilidade vibrátil aos contatos da vida, o toque anunciador do futuro. O conselho é fruto da experiência vivida. O jovem tem que viver vida nova, afrontar circunstâncias diferentes; é bom que o faça incondicionado pela experiência alheia. Sou contra o exagerado culto

do passado em que nos embevecemos e que tanto destoa, a meu ver, da mentalidade que nos reclama à hora exigente do mundo moderno, a realidade ávida dos nossos dias.

2

O Brasil no século da sua formação, o XIX, não usava linguagem sua. Nem uma palavra, saída dos seus chefes e guias, que fosse do Brasil; todas, com raríssimas exceções e em raros momentos, não passavam de tradição dos compêndios alheios incorporados ao parolar dos nossos parlamentos. O que me interessa é vos ver articulados à obra do futuro, à construção do Brasil que deve ser.

3

Neste momento da vossa iniciação na carreira para a qual entrais de fronte erguida, eis o modesto presente de padrinho pobre, que resumo em duas palavras: "Aderir à tarefa!" Lembrai-vos bem. Só um prazer nos é dado: este de fazer bem o nosso trabalho, de cumprir direito o nosso dever. Nem todos podem ter a capacidade e os dons inatos de Rio Branco. Mas o Barão foi grande porque, tendo de executar uma tarefa, abraçou-se todo com ela. Para levá-la a efeito, preparou-se, ajuntou suas forças, multiplicou-as. Todo brasileiro que puser, na aplicação de servir a sua pátria, o mesmo sentimento do Barão, pode não atingir a culminância a que ele ascendeu, mas

estará dando ao Brasil tanto como ele deu, o máximo de si mesmo. Ponho o funcionário obscuro, servidor do cotidiano, em alto plano também, se esse servidor do comezinho, executante da prática rotineira, empenha toda a sua alma no seu trabalho. Não há virtude pequena.

4

Não há mérito que compense a impontualidade. O secretário que não chega à hora marcada, no momento em que é esperado pelo chefe, comete um delito para o qual não há dirimente. Nenhuma escusa resgata a impontualidade. Dados os estagnamentos e engarrafamentos de tráfego, cumpre ao colaborador antecipar a dificuldade e os embaraços, prevenindo o chefe a fim de que possam descontar ambos espera e modificações de horário. A alegação posterior não supre de modo algum a falta cometida.

5

Nas longas solidões dos postos invernosos, sereis levados a leituras várias, a preferências estéticas. O diletantismo, isto é, a leitura por desfastio, vos espreita. Uma vez agarrado por ele, o espírito entra a errar de autor em autor, a saltar de curiosidade em curiosidade. Sorrireis superiormente para o amigo que vos citar outro poeta que não T.S. Eliot. Esgueirareis de sobrolho vosso desprezo pelo colega que não lê Kafka. Quando o nome

de Kierkegaard vos vem aos lábios, vosso rosto transluz uma expressão extática. Falais de Sartre com a intimidade de um íncola do Café Flore e arredores. Tudo isto é ótimo... ler assim é excelente. Mas vos sugeriria a propósito não esquecer que, uma vez presa do diletantismo, o espírito mais bem dotado, mais rico em disposições criadoras, está perdido. O diletantismo é uma espécie de prazer insatisfatório, como o que oferece às índoles másculas o amor platônico. Outro perigo... e esse mais sério, é o de desfigurar-se na perspectiva da distância a imagem do País, escurecida e amesquinhada pela pobreza da nossa política, mediocridade das nossas polêmicas e aspectos tolos da nossa sociedade. Vosso Brasil é o de Rio Branco, que não era melhor do que o de hoje; o Brasil não está perdido. Amai-o com o amor de Rio Branco.

6

O nacionalismo, nativo ou importado, não pode substituir o patriotismo. Reconhecemos a dificuldade de separar no nacionalismo – que é a forma zangada do patriotismo, a modalidade crispada de amor à pátria – o que é nacional, do Brasil, isto é patriotismo, do que é desproveito do Brasil e crime contra ele. O patriotismo deve preservar sua pureza e não degenerar em patacoadas de aparência. Amar a pátria, na minha opinião, não consiste em embevecimento fácil, que se traduz e se compraz em vago louvor declamatório. O patriotismo que eu pregava há mais de trinta anos feito de inquietação e de zelo deve ser, sobretudo, o dos diplomatas que são a placa

sensível do país exposta às impressões do exterior, suas antenas em contato com as correntes elétricas do mundo.

7

Tem sido o meu consolo, durante os longos anos de representação do Brasil em conferências internacionais, verificar a coesão da nossa posição, qualquer que seja o ministro das Relações Exteriores. Qualquer que seja, meus colegas, a vossa convicção e a idéia que fazeis dos vossos méritos, deve reconhecer sempre que a vossa posição não pode ser a de mando, senão a de obediência. Além de aspirar para o Brasil o relevo que lhe compete, e onde já devia avultar-se, terão as novas gerações diplomáticas que enfrentar desafios inteiramente insuspeitados e imprevistos, para os quais, como disse, de poucos subsídios servirão os antecedentes da nossa história e as lições do nosso passado. Não se trata de lugar-comum. Trata-se de qualquer coisa grande e séria, trata-se de palavra-chave da felicidade para o coração do homem. Cumprir o dever sob qualquer forma que se nos apresente. O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever.

Esta frase velha tem sempre sentido novo.

Sobre Gilberto Amado

José Sarney:

"Visionário em suas aspirações globais e estéticas, realista em sua visão jurídica, intérprete sincrônico do Brasil primordial e

do Brasil moderno, participou de forma decisiva do processo de institucionalização jurídica das relações internacionais, merecendo por sua contribuição reconhecimento da comunidade das nações."

(Do livro *Gilberto Amado: Centenário*, 1989, p. 5)

José Sette Câmara Filho:

"Gilberto Amado foi o primeiro e profético inconformista com as tendências acadêmicas da Comissão. Desde o começo ele compreendeu que a Comissão era um órgão subsidiário da Assembléia-Geral, criado para prover perícia científica de maneira a servir aos interesses dos Estados no campo da codificação do Direito Internacional, em conformidade com o artigo 13 da Carta das Nações Unidas. A sua tirada, até hoje freqüentemente citada, de que os Estados não são trouxas para esquecer seus interesses em benefício de doutrinas e de soluções acadêmicas, é uma antecipação do princípio metodológico fundamental da Comissão hoje em dia, que preservou o jogo entre a *expertise* científica e a autoridade governamental, assegurando o extraordinário êxito de uma série de conferências diplomáticas de codificação baseadas nas propostas da Comissão"

(Do livro *Gilberto Amado: Centenário*, 1989, p. 21)

Leituras Sugeridas

SARNEY, José et. al. ***Gilberto Amado: Centenário.*** **Coleção Relações Internacionais, 1.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais/ Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de Documentação do Ministério das Relações Exteriores, 1987.

CANÇADO TRINDADE, Antônio Augusto. **Repertório da Prática Brasileira do Direito Internacional Público (Período 1919-1940).** Brasília: Ministério das Relações Exteriores; Fundação Alexandre de Gusmão, 1984, pp. 79-80.

PERFIS PARLAMENTARES, Vol. 11: **Gilberto Amado**. H. Senna (Org.). Brasília: Câmara dos Deputados, 1979.



